

DISSEMINAR O ABC OU FORMAR ELITES ?
A alfabetização e os ensinios no Alentejo 1850-1926

Fernando Luis Gameiro

INTRODUÇÃO

Neste texto parto de um quadro teórico de referência que radica do debate de matriz económica e social, sobre o Alentejo Contemporâneo. Analiso o processo de alfabetização na segunda metade do século XIX e remeto para o papel da educação formal dos protagonistas do desenvolvimento económico regional.

Assumo que uma das componentes fundamentais do desenvolvimento económico e social da Europa do Sul, na segunda metade do século XIX, se baseia, entre outros factores, no nível de formação dos seus recursos humanos. Parto da tese geral que defende que um maior investimento do Estado em educação teria implicado a melhoria dos índices de desenvolvimento económico e dos indicadores de desenvolvimento social na região.

No entanto pretendo mostrar que no Alentejo do século XIX, um tipo de educação menos formal, sem uma aposta exclusiva na instalação de escolas, mas mais adaptada às condições de relevo, clima e tipo de povoamento, poderia ter tido resultados diferentes no quadro de uma política educativa diferenciada.

Em tese geral a literatura recente discute o impacto na economia dos diferentes tipos de educação, embora esta continue a ser vista mais como um efeito do que como uma causa do crescimento económico.⁽¹⁾

No caso português a discussão deste pressuposto mantém as dúvidas sobre a existência de umnexo causal entre alfabetização e desenvolvimento. Por um lado alguns dos autores consideram que apenas a carência de formação técnica era relevante para o fracasso do desenvolvimento económico português. Por outro considera-se que um maior investimento do Estado português em alfabetização num momento crucial do desenvolvimento europeu - a segunda metade do século XIX -, teria sido fundamental para se alcançar um ritmo de crescimento económico que nos aproximasse dos principais países europeus.⁽²⁾

Este artigo não pretende analisar tal problemática em profundidade, mas tão só colocar em confronto as características de uma região crucial para o desenvolvimento do país, com as potencialidades de formação de recursos humanos disponíveis para contribuir nesse, e para esse, desenvolvimento.

A ALFABETIZAÇÃO NO ALENTEJO

Em Portugal (1864) estima-se em cerca de 88% a percentagem de analfabetos, embora o primeiro recenseamento geral da população que efectua um levantamento dos indivíduos alfabetizados seja de 1878.⁽³⁾

(1) Veja-se por exemplo Mary Jean Bowman e Arnold Anderson (1973, pp. 248-271). Neste artigo os autores partem dos exemplos fornecidos pelo crescimento económico japonês e europeu, para defenderem que a existência de uma difusão moderada da alfabetização é necessária mas não suficiente para induzir um crescimento económico sustentado. Veja-se também Claude Fohlen (1973), Clara-Eugénia Núñez (1993, pp.87-107), Jaime Reis,(1984, pp. 7-28, 1988, pp. 7-79, 1993b, pp. 227-253,1993a, pp. 14-40), Rab Houston (1983,269-293).

(2) Veja-se Maria Filomena Mónica (1987, p. 854) e Jaime Reis (1993a).

(3) Cf. Joel Serrão (1981, p.22). O autor não especifica a forma como encontrou este valor, no entanto António Nóvoa, (1987, p.351) adianta a possibilidade de se tratar da percentagem de crianças de 6 a 15 anos não escolarizadas.